

# **REPENSANDO A ESCOLA, UM ESPAÇO EDUCATIVO SEM FRONTEIRAS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS<sup>1</sup>**

**Genilse da Silva Costa<sup>2</sup>**

**Simoni Ap. Fortes de Jesus<sup>3</sup>**

## **Resumo**

Este artigo reflete sobre a necessidade de a escola se apropriar de outros contextos educacionais a fim de aprimorar sua função, aja vista as mudanças ocorridas na educação atualmente. As crianças precisam ser estimuladas a desenvolverem a imaginação, a socialização e o potencial cognitivo e motor, para tanto se apoiam na figura do professor para conseguir atingir essa meta. A valorização de outros espaços educativos pela escola é de uma importância ímpar. Tendo reconhecido em outros espaços possibilidades tão prósperas quanto a das salas de aula formais valorizar-se-ão outros profissionais que podem não ser professores, mas aceitem um papel tão importante quanto. O conhecimento do entorno escolar e a utilização de recursos que valorizem o conhecimento do aluno propiciam uma educação eficiente. As aulas e as escolas devem ser atraentes, os alunos precisam ser felizes dentro delas, necessitando por tanto um novo olhar pedagógico. As cidades podem ser grandes parceiras das escolas, a partir daí tem-se o desenvolvimento de projetos, visitas, palestras. As parcerias com projetos ligados às políticas sociais no momento educacional em que vivemos são saídas, são portas que podem fazer a diferença entre crianças e adolescentes.

**Palavras-chave:** Educação. Tendências. Cidades. Reestruturação.

## **Introdução**

A realidade educacional brasileira se mostra com muitas dificuldades e desafios. Problemas relacionados a aspectos políticos, sociais, econômicos e até históricos. O professor – peça chave desse sistema – tem um árduo trabalho, pois deve reinventar-se e readaptar suas práticas pedagógicas aos alunos que recebe. A falta de recursos, os baixos salários são concretudes que reforçam o sentimento de revolta, mas que devem ser enfrentados e contornados, afinal a educação não pode esperar para que de fato se reverta todo este empobrecimento operacional e de reconhecimento para agir. Compreendemos que o professor deve ser a pessoa mais importante na construção do ensino-aprendizagem então, quanto mais “armas” possuir, mais amplas serão as conquistas.

O objetivo deste artigo é propiciar uma reflexão sobre a educação em sala de aula e a busca por novos caminhos que transponham a nova tendência mercantilista que se

---

<sup>1</sup> Artigo produzido na Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação e a Interface com a Rede de Proteção Social, pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Como requisito para a obtenção do título de especialista.

<sup>2</sup> Pedagoga formada pela Universidade UNINTER. Especialista em Ciências Inovadoras da Educação pela mesma instituição. Professora do Ensino Fundamental, 1ª fase na Rede Pública e Privada de São Lourenço do Oeste.

<sup>3</sup> Orientadora, mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Docente da Unochapecó, área ACHJ.

instalou numa sociedade capitalista e carregada de problemas. Percebe-se uma preocupação maior com a preparação do estudante para suprir a mão de obra de mercado mais do que entendê-lo como cidadão.

Além disso, refletimos também uma educação para fora dos muros escolares, que valorize o conhecimento, *a priori* do sujeito contextualizando com o conhecimento científico. A escola não deve limitar-se. É emergente uma ressignificação do papel da escola na contemporaneidade, utilizando a pesquisa bibliográfica como referencial teórico, queremos promover uma reflexão acerca desses pensamentos.

O panorama atual da educação sofre mudanças e todo o processo também. Cabe ao professor – mediador de conhecimento – readaptar-se a essas mudanças. Como prevê a Lei de Diretrizes e Bases<sup>4</sup> 9394/96, segundo o senador Darcy Ribeiro “esta lei procura libertar os educadores brasileiros para ousarem experimentar e inovar”. Instigando seus alunos aos questionamentos que darão suporte a um futuro bastante promissor, uma vez que a promoção do desenvolvimento cultural dos alunos segundo a LDB é um de seus objetivos. Não há como pensar hoje, a mesma metodologia das aulas que presenciamos nas séries iniciais da nossa formação, vivenciamos crianças mais ativas, motivadas e inseridas num contexto tecnológico, ao qual, o professor deve ficar atento. A flexibilização do currículo atendendo as necessidades do aluno e respeitando as regionalidades colabora e muito para a mudança. Porém, sabe-se que toda e qualquer legislação propõem-se a assumir o papel de orientar, refletindo os modos de agir e avaliar, mas que por si só não representa a transformação, mas busca a intervenção e inserção de todos os agentes educacionais.

A lei distribui funções, atribuições e responsabilidades. Sendo sinalizadora dos caminhos a percorrer, ela não pode ser tomada como um fim em si mesma, ou como um remédio para curar as deficiências de nosso problemático sistema de ensino. As bases dessa responsabilidade social não estão no texto e sim na ação de cada professor, de cada escola, de cada centro educativo. (BRASIL, 2015)

Aspectos como a educação, seu contexto social, histórico e as mudanças educacionais serão abordados neste ensaio, a exigência de um novo olhar pedagógico por parte dos professores para que os alunos e a escola desempenhem e descubram o seu lugar, para não ser reconhecida como uma instituição fragilizada e com valores fundamentados num discurso de “educação mercantil”.

---

<sup>4</sup> Esta lei será referenciada no texto pela sigla LDB.

## 1. A Educação como um contexto social

O entendimento do que é educação não é um conceito fácil de ser abordado nem conceituado, principalmente quando temos de levar em consideração as várias culturas que nos cercam e as novas gerações de crianças, fruto de uma sociedade com dinâmicas diferentes das quais foi pensada a escola tradicional. Para SANTOS e LISBOA, 2014;

As gerações representam, em uma análise histórica e sociológica, grupos de indivíduos que nasceram e cresceram em dada época e que, por consequência, tiveram sua vivência e visão de mundo impactadas pelos mesmos eventos, fatos históricos, momentos políticos e sociais e pelas tecnologias de seu tempo. Essa classificação dos indivíduos em grupos geracionais permite, entre outras observações, a comparação dos comportamentos e atitudes juvenis em épocas distintas, sob a influência de diferentes variáveis temporais.

A educação abordada com um contexto social se apropria da análise histórica dos indivíduos que a compõem. O ano em que nasceram a época que vivenciaram, momentos políticos e a tecnologia de seu tempo, afirmam SANTOS e LISBOA, influenciam as características comportamentais desses indivíduos. E é esse confronto de gerações (pensamentos) que são facilmente encontrados nas salas de aulas. Temos alunos “digitais” e professores ansiando, remando para ser. Nossas crianças contam com o mundo virtual no qual já são inseridas desde que nascem e muitas vezes encontram nas salas de aula professores que não as entendem. Segundo SANTOS e LISBOA, 2014 a chamada “Geração Z” (nascidos após o início dos anos 1990) apresentam uma maior desenvoltura com as novas tecnologias, “o comportamento dessa geração está intimamente ligado às influências sofridas a esta nova realidade.” Para esses autores as gerações nascidas após a segunda guerra mundial período em que houve valorização da juventude e por consequência uma reorganização das características sociais é decisiva para entendermos tais mudanças ou transformações. “Nessa perspectiva, pode-se notar que o advento das novas tecnologias digitais influenciou fortemente a formação de consciência das gerações mais novas”. Mesmo admitindo que cada grupo social sofra influências distintas, uma vez que as vivências também o são é nas salas de aula que percebemos o grande impacto dessa divergência de aceitação entre os agentes educacionais envolvidos. Temos crianças e jovens que discutem mais e se envolvem com as tarefas diárias da escola de maneira diferente da que o professor muitas vezes almeja.

Atualmente as duas correntes fortemente encontradas nas classes brasileiras são a gerações Y e Z. Segundo SANTOS e LISBOA, 2014 ambas não têm delimitação temporal bem definida. Sendo que a primeira varia para alguns estudiosos de 1997 a 2000 e a

segunda se atem indivíduos com mais ou menos 20 anos de idade. Desta forma entende-se que temos professores e alunos de gerações diferentes, o que implica em dizermos que a mera semelhança é apenas uma coincidência.

Enquanto as gerações anteriores vivenciaram e se influenciaram por transformações políticas e sociais a geração Y “surge num momento em que a democracia e a liberdade política estão estabelecidas e a economia no ocidente, é próspera”. Já a geração Z é menos vislumbrada ainda que a Y uma vez que já nasceram e desde sempre conhecem e fazem uso das tecnologias. Outra diferença marcante entre essas duas gerações é que enquanto uma vivia atrelada ao computador em uma mesa essa outra vive o maravilhoso acesso ilimitado em qualquer lugar. Contudo, não nos esqueçamos é que brevemente ansiamos analisar tais diferenças para enfim chegar à realidade escolar do hoje e do agora. O fato de o professor ser de uma geração e o aluno de outra não deve dificultar o caminho para uma educação próspera, ambos devem encontrar um meio termo para o entendimento e assim consolidar a complementação desse processo. (SANTOS e LISBOA, 2014)

De fato não podemos aceitar que a educação seja somente o período que ficamos na escola, naquele espaço físico determinado por pilares de concreto. A educação pensada de forma ampla merece ser entendida como aquela que colabora para a socialização, o crescimento intelectual, colabora para a integração de saberes, realização de sonhos e dessa maneira é entendida por LIBLIK E TAL (2011, p. 25), “[...] a educação como um tempo-espaço em constante movimento, que não serve apenas para a transmissão dos saberes constituídos historicamente pela sociedade, mas também como situações de convívio, de vivência, de superação de suas próprias limitações...”

Dessa maneira percebemos o quão importante e fundamental é uma educação que atenda este movimento constante do tempo – espaço. Devemos estar atentos para outros espaços de aprendizagem que vinculados aos espaços formais complementem uma a outra e que aos poucos transformem os alunos de verdade, no sentido mais amplo da palavra transformação, resgatando o valor da escola nas crianças e jovens.

Definido o sentido da educação falta mencionar aquele que nutre aquele que cria o educador, o qual, não precisa necessariamente ser um professor. Mas que é comum menciona-lo, pois é o que seguramente mais tempo dedica-se às questões da escola e dos alunos. Falta chamar a atenção ao papel desempenhado por este profissional cuja meta ultrapassa os muros da escola, as paredes da sala de aula, muitas vezes influencia diretamente na formação cidadã do seu aluno. Para FREIRE, 1983, “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. O autor nos oferece uma análise sobre o porquê da educação de seus objetivos e um deles o mais

simples e talvez o mais completo esteja em o ser humano ser inacabado, saber e refletir sobre isso e querer mudar. Ou seja, buscar na educação o crescimento não só intelectual, mas pessoal também. E entendemos que essa não é uma busca que se faça só, individualmente, pelo contrário é da interação, da partilha e da comunicação, por isso a importância do convívio, das problematizações, das divergências, isso tudo leva a caminhos mais seguros da educação.

A palavra contexto nos remete para além. Os caminhos pelos quais se desenrolam. Uma vez que a educação está em constante movimento e não é só na escola que se constroem e se realizam sonhos, mas conseqüentemente será fora dela que estes se realizarão. Nos deparamos naturalmente para o caminho da mudança e dos acertos sociais – passando de uma sociedade significativamente fechada, estática e transitamos para uma mais aberta, mais crítica, ou seja, passamos a ter contato com um tipo de movimento na educação. Esses movimentos complementam as transformações e segundo FREIRE, 1983 p. 46 são fundamentais:

Não há permanência da mudança fora do estático, nem deste fora da mudança. O único que permanece na estrutura social, realmente, é o jogo dialético da mudança – estabilidade. Desta forma, a essência do ser da estrutura social não é a mudança nem o estático, tomados isoladamente, mas a “duração” da contradição entre ambos.

Para o autor, ainda há de se enfatizar o “tempero” da nova proposta pedagógica que não admite “o fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição”. O professor hoje deve considerar que seu aluno é um ser pensante e que por isso detém conhecimentos que se valorizados e lapidados contribuirão para o processo de ensino aprendizagem dele, da turma e do próprio professor.

Percebemos duas coisas importantes até aqui: a primeira é a que define a importância única da escola na formação de vida de seu aluno e a segunda diz respeito da importância do professor que é conduzir para fora os sonhos, os projetos de seus alunos. Neste cenário, temos FARFUS (2011, p. 82):

As competências necessárias para o desempenho da função de pedagogo estão cada vez mais refinadas, não basta apenas o domínio de conteúdos correlacionados à área educacional, mas é fundamental, também, o conhecimento de gestão de pessoas e gestão organizacional, a fim de que seja possível o bom desempenho da função.

O papel do professor é maior, não deve se condicionar apenas a transmissão de conceitos, mas o de transformador de conhecimentos em objetivos, deve ser mediador e

instigador de curiosidades, deve estimular seu protagonista – o aluno, a vencer ultrapassando os limites dos muros escolares. Segundo FREIRE, 1983, o trabalhador pedagógico não deve ser neutro nem coercitivo frente ao processo de mudança, uma vez que um papel é contraditório ao outro. Afirmar ainda: “deste modo, a opção feita pelo trabalhador social irá determinar tanto o seu papel como seus métodos e suas técnicas de ação”. Ou seja, percebendo e valorizando os conhecimentos prévios dos alunos pode ser uma estratégia gratificante que mobilize o entendimento e a motivação desses agentes educacionais tanto para o professor quanto para o aluno. Sobre isso, CANÁRIO, 2006, p. 34 afirma: “o bom professor precisa ter disponibilidade para saber escutar os alunos e, assim, aprender com eles”. Voltamos a observar aqui nesse trabalho, que a tarefa está longe de ser simples e fácil e se faz necessário muito mais que força de vontade, precisa comprometimento, amor e zelo pelo que se faz. Precisa-se estar disposto e despreendido de expectativas, as aulas podem ser pensadas anteriormente, mas é inaceitável que pensemos em tudo e esperemos que tudo aconteça redondamente como planejamos, os alunos precisam participar, modificar e interagir para que de fato aprendam. Quando indagado sobre a real possibilidade da transformação da escola em uma comunidade de artistas CANÁRIO 2006, responde “é seguramente difícil, mas é, também, o único caminho para transformar a escola naquilo que o autor moçambicano Mia Couto chamou, referindo-se ao pensamento livre e criativo, “uma arma de construção maciça””.

Afirmativamente notamos a necessidade de mudança de papel da escola, tendo que assumir o contorno de lugar de criação, onde os estudantes sintam-se livres para ousar. Um dos pontos que merecem ser destacados para não serem confundidos é de que tudo se aprende na escola como se a escola detivesse todo esse dever e que o ser humano estivesse condenado a só buscar esse caminho.

No decorrer dos anos pudemos notar a necessidade de utilizar os serviços dos pedagogos em outros espaços e vemos uma crescente como a Pedagogia Hospitalar atendendo crianças e jovens impossibilitados de presenciarem as aulas, a Pedagogia Administrativa que auxilia as empresas e ainda o pedagogo social que pode encontrar-se nas igrejas ou hotéis como recreadores por exemplo. Gostaríamos de chamar atenção para esses espaços não formais de educação que são experiências valiosíssimas, uma vez que o meio influencia diretamente a utilização de metodologias inovadoras e práticas diferentes. Como quando aprendemos cozinhar, por exemplo, não há a necessidade de frequentar-se uma escola especializada para a maioria das pessoas, aprendemos com

tentativas e erros, experimentando, testando outros procedimentos, mas está havendo aprendizagem e juntamente com os espaços formais se complementam enquanto processos de formação humana e social. CANÁRIO, 2006 p. 37 comenta a respeito:

A maior parte das situações de aprendizagem são, por um lado, não-formais e sequer são deliberadas. Não há consciência de que o principal objetivo seja aprender algo. A aprendizagem surge como co-produto de uma ação. É deste ponto de vista que, cada vez mais, estou convencido de que a educação não formal deverá se constituir como ponto de referência para pensar a educação escolar.

Esclarecendo melhor essa ideia temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia que propicia estudos nas áreas políticas, sociais e históricas, filosóficas, econômicas..., ou seja, prepara o pedagogo para assumir papéis fora dos muros escolares. Considerando tal menção, Boing e Silva enfatizam que “o campo de atividade não escolar é extenso” por isso pensamos que o pedagogo está preparado para assumir essas funções secundárias e fazer a diferença na vida de milhares de indivíduos.

## **2.Contextos históricos e as mudanças educacionais**

Ao longo do tempo e das culturas todo o panorama educacional teve uma mudança digamos radical. Mudaram não só a personalidade do nosso aluno, bem como, dos agentes educacionais (pais, professores, diretores, funcionários etc) e também a função da escola. Historicamente falando, é na Idade Média que temos essas mudanças mais acentuadas, como afirma LIBLIK E TAL (2011, p.49):

Na Idade Média, indevidamente chamada *Idade das Trevas*, surgiram as universidades e, como o humanismo, movimento precursor e fundador da Renascença (épocas maravilhosas, sobretudo no aspecto cultural, científico e artístico), desenvolve-se ao ser humano o valor que lhe era devido.

O grande diferencial nessa perspectiva foi o valor atribuído a humanidade e a sua capacidade empreendedora. As descobertas geográficas, a modernização do comércio, as invenções, além das descobertas de novas teorias que fundamentam tal capacidade, mudanças avassaladoras na educação segundo LIBLIK E TAL (2011, p. 55):

[...] Foi a partir do século XIX que se deu início à difusão das escolas para a primeira infância, à utilização dos mais diversos e inovadores recursos didáticos e ao reconhecimento do valor do jogo e do trabalho (...) Nesse contexto histórico, inúmeros foram os participantes das novas tendências e concepções que perduram até os nossos dias.

No contexto atual de Educação, as exigências de formação são híbridas. Precisamos pensar na escola hoje como algo coletivo e em movimento, dando cada vez

mais ênfase no presente, em preparar o aluno para enfrentar o hoje o agora com aprendizados da comunidade e da interação com o grupo, de acordo com MELO (2011 p. 43) “ buscar experiências ocorridas na comunidade” e fazer dessa interação um momento único de concreta entrega.

Dos processos de socialização o segundo CANÁRIO, 2006 p. 117, a educação não-formal passou a ser valorizada. “A integração da ação educativa decorre da articulação entre a dimensão da pessoa, da organização e do território.” Muito embora a educação formal sempre teve mais “importância” principalmente para as famílias mais tradicionais em que letrar-se era muito especial. Para GONH (2005), a educação tinha característica de formação e de participação sociopolítica. Hoje percebemos que a educação é uma construção e, além disso, é muito influenciada pela cultura que nos é posta.

### **3. Um novo olhar pedagógico**

Notadamente a escola avançou, se compararmos o seu início onde era comum um professor por aluno, só filhos de famílias com posses tinham acesso à educação, percebemos que avançamos, presenciamos a obrigatoriedade do ensino e sua organização supera o individual para o coletivo. Porém, nota-se uma forma de organização que pode ter contribuído para as formas de aprendizagem tradicionais que são questionáveis hoje. Segundo CANÁRIO, 2006 p. 30, “a escola representou um formidável invenção organizacional”, uma vez que passou a atender mais alunos num mesmo espaço - geralmente retangular – por um único profissional. Hoje analisamos esse modelo como “tradicional” e se apresenta como individualista. Sabemos que muitos professores dão aulas no grande grupo, homogeneizando o grupo como se todos estivessem compreendendo e apresentassem as mesmas dificuldades. Ou seja, esse modelo não atende mais como atendeu e foi suficiente para muitas gerações o que esse mesmo autor nos cobra da necessidade de “reinventar a escola” e crer que ser professor nos dias que seguem pode ser trabalhoso, dificultoso, mas não uma missão impossível.

A frustração de alguns professores e o desânimo de alguns alunos são fatos curiosos presentes e comuns nas salas de aula de hoje. Ambos afirmam ter justificativas aceitáveis, porém o que vemos e afirmamos até aqui é a incompatibilidade de interesses: professores muito tradicionais que para iniciar a aula os alunos precisam estar dispostos em filas, com o material aberto, atentos e silenciosos e os alunos almejando para serem coautores das aulas, ou seja, produtores de conhecimento e aprendizagem. Como



corroborar CANÁRIO, 2006 p. 33 "[...] a chave para uma possível solução está em transformar os alunos em produtores, ultrapassando a mera condição de receptores de informação e executores de tarefas de repetição e treino." Sobre isso ainda citado na mesma obra Miguel Arroyo, pedagogo brasileiro diz: "[...] os filhos vão contentes à escola em dias que levam um trabalho de pesquisa, um cartaz, ou vão participar de um teatro. São dias infelizmente raros que se sentem atores, artistas, produtores de algo..." Não admite-se mais a mera reprodução e repetição de informações como numa grande linha de montagem, até porque as informações transmitidas apenas estão susceptíveis a erros. CANÁRIO, 2006 p. 39:

Como se sabe, qualquer processo de repetição da informação leva, dentro de algum tempo, a sua degradação. A passagem de informação boca-a-boca dá origem a diferentes formas de distorção que tornam a informação incompreensível no final. É o que acontece em uma organização hierarquizada na qual a informação flui verticalmente, de forma unidirecional.

A contextualização com essa nova demanda não permaneceria somente na escola, mas essa nova tendência educacional atinge uma gama de agentes. E é nesse contexto que enfocaremos o olhar pedagógico. Nossa reflexão inicial encontra uma sociedade fragilizada em toda sua extensão, seja em aspectos naturais, culturais, sociais e interpessoais. Tendo como principal desafio a inclusão, criar um modelo pedagógico que oportunize a todos independentemente das condições sociais inseridas e desmistifique o primeiro sentido da inclusão que infelizmente nos remete a exclusão, uma vez que só pode haver a inclusão de alguém ou alguma coisa excluída.

Outro desafio para a educação e para o próprio educador está na estrutura educacional que temos que buscar resultados e homogeneidade nas turmas, esquecendo que no processo inclusivo o que deve-se valorizar é a diversidade.

FARFUS (2011, p. 32) aponta essa relação: "Cada pessoa é responsável por um pequeno espaço que forma a teia social e, à medida que uma dessas pessoas não estiver em sintonia com as outras, o sistema todo fica desalinhado, desequilibrado". Toda vez que possibilitamos outros espaços para a educação também abrimos um leque de novas e diferentes oportunidades para os pedagogos. A escola que consolida novas formas de representar seus saberes possibilita o crescimento individual e coletivo. As práticas pedagógicas que envolvem produção de escrita, por exemplo, são valiosas uma vez que incentiva o uso da palavra oral e escrita e está apropriada é o instrumento com o qual nos relacionamos com o mundo. Cabe ao professor mediar esse conhecimento

aproveitando muitas vezes recursos tradicionais como ditados e correções ortográficas, e nesta hora aprender e ensinar. Valorizar o que seu artista produziu e sugerir alterações que se fizerem necessárias. De acordo com CANÁRIO, 2006 p. 57 abordando o projeto de intervenção de uma comunidade escolar rural de Porto Alegre que consistia na produção escrita de atividades desenvolvidas e vivenciadas por eles:

O incentivo ao desenvolvimento de atividades de produção escritas pelas crianças obedeceu ao pressuposto de que elas são curiosas e criativas, capazes de pensar, explicitar e desenvolver projetos de trabalho individualmente que podem constituir um eixo estruturante das suas aprendizagens escolares. As produções escritas correspondem a uma tradução, em produtos comunicáveis, desse processo de ativa construção de conhecimentos que lhes são propostos pela escola.[...].

Segundo dados estatísticos do Censo de 2010 o crescimento urbano atingiu a marca de 84%, percebemos então, uma crescente de habitantes nas cidades o que implica na ocupação desses centros e a criação de espaços de cidadania ou de promoção de cidadania. Já temos vários e bons exemplos da adequação dos grandes centros para atender essa demanda. Como as bibliotecas nas estações de metrô, a pedagogia hospitalar, empresarial, projetos como o “Chão de Fábrica”, que alfabetizou vários funcionários e propiciou a tão desejada inclusão pelo menos a inclusão “alfabética” da qual nos referimos nesse artigo. Colabora com o nosso pensamento FARFUS, (2011, p. 68): “O resgate da cidade como espaço de todos permitirá a consolidação de uma cidadania que promova a liberdade e a solidariedade entre seus habitantes.” Juntamente com esse novo desafio que ressaltamos mais uma vez a importância do papel do professor. CANÁRIO (2006, p. 69) discorre sobre isso: “(...) sobre a relação professor-aluno envolve a totalidade da ação profissional (...)”.

O marco histórico da inclusão foi em junho de 1994, com a Declaração da Salamanca Espanha, realizado pela UNESCO na Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, assinado por 92 países, apresentaram como princípio fundamental que "todos os alunos devem aprender juntos, sempre que possível independente das dificuldades e diferenças que apresentem". As dificuldades do professor brasileiro são as mais variadas e inconstantes: encontram na superlotação das salas de aula, alunos inclusos assistidos por estagiários sem formação acadêmica muitas vezes terminando o ensino médio, sem experiência para lidar com as situações mais adversas que podem ocorrer com esse aluno e a classe, uma vez que poderemos nos deparar com as diversidades de inclusão: deficientes visuais, mentais,

físicos, surdos, implantados, entre tantas outras diversidades. Então, além dos alunos regulares ainda há o incluso que busca e deve buscar a mesma atenção, a mesma compreensão os mesmos direitos. De maneira que muitas vezes precisa-se um “super professor” para realizar esta tarefa.

Percebemos que o maior desafio da inclusão está focado na sociedade que deve aceitar as condições de todos os seus cidadãos independentes de suas peculiaridades e no processo educacional a começar pelos municípios, buscando parcerias com as escolas especiais que podem oferecer profissionais bem como, apoio para que o professor regente da turma consiga adequar sua prática pedagógica a fim de atendê-lo satisfatoriamente.

Outra discussão que merece ser refletida é a deficiência do sistema sem a parceria. Muitas vezes nos deparamos com a contratação de um único profissional de apoio – psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo – atendendo todas as escolas do município. Tem que se pensar no atendimento imediato, sequencial um acompanhamento diferenciado e ininterrupto de algumas situações. A demora ao acesso a esses profissionais ocasiona falhas que cada vez mais atrasa essa compreensão. CANÁRIO, 2006 p.18 fala em reinventar a organização escolar como processo relevante para a consolidação da educação. “[...] Contudo, o último quarto de século foi marcado pela “erosão” dos ideais da educação permanente, relativamente aos quais se deve fazer hoje uma revisitação crítica”. Tudo isso de certa forma vem sendo discutido nas esferas governamentais o Plano Nacional da Educação que planeja a educação brasileira para a próxima década é um começo para que haja mudanças significativas na educação brasileira, ele consiste em 20 metas que já foram discutidas nos municípios e afirma essa preocupação com o atendimento dos alunos inclusos. As metas 4 e 8 se reportam a isso a redução das desigualdades e á valorização da diversidade.

A política pública deve fortalecer sistemas educacionais inclusivos em todas as etapas, viabilizando acesso pleno à educação básica gratuita. Os estados e municípios devem se organizar e entender esses desafios como compromisso com a equidade contando com apoio federal para viabilizar o atendimento das pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação em sala de recursos multifuncionais classes, escolas ou serviços especializados públicos ou conveniados.

Ser professor hoje não é suficiente, este deve ser artista, artesão, cientista, ator, palhaço..., ou seja, recriar a realidade, reestruturar práticas pedagógicas, se comprometer com a profissão, não temer o novo e se entregar a essas possibilidades. A busca por

parcerias com bibliotecas, museus, associações de bairros, entre outros, também terá papel fundamental na prática para além da sala de aula. CANÁRIO (2006 p. 67) discorre sobre isso:

Se tivermos como referência as mudanças tendenciais que acabamos de assinalar e que atravessam os modos de conceber e praticar a formação profissional contínua, sobretudo no caso dos professores, seremos levados a repensar uma configuração da profissão de professor, definida a partir das seguintes dimensões essenciais: o analista simbólico, o artesão, o profissional da relação e o construtor de sentido.

As mudanças educacionais foram e são necessárias uma vez que o público que procura a escola hoje é muito diferente. Buscar uma readequação é essencial e poder explorar outros caminhos com a finalidade de engrandecer nossos conhecimentos é a grande sacada do momento.

### **Conclusão**

A escola e a educação como um todo se mostra desafiadora. Esses desafios não devem ser entendidos como “atrapalho”, mas como promoção e valorização da educação, da comunidade escolar do entorno e quem sabe até da cidade com seus vários espaços educativos.

O olhar pedagógico também deve sofrer mudanças. Um professor que apenas transmite conceitos, regras e fórmulas não colabora com a ampla função que a escola tem. Necessita-se de uma escola mais democrática e aberta a todos os públicos. Aproveitar os conhecimentos prévios dos alunos e aprender a ouvi-los é aprender com eles, ampliando a dimensão dessa profissão, perfazendo caminhos seguros e concretos. A entrega deve ser total, ensinar por ensinar não é mais suficiente, devemos inovar, devemos transformar nossas aulas, pois nossos alunos merecem isso.

Não obstante a revolução do pensamento sobre a educação, ainda temos os aspectos como a falta de recursos, salas de aula lotadas, heterogeneidade das turmas, esgotamento dos professores, péssimos salários e desvalorização da profissão que colaboram para o desequilíbrio da educação.

Buscar novos caminhos é a tendência a ser seguida. Usar as várias interfaces dos professores e se engajar na construção do conhecimento devem constar na meta deste ser iluminado. Devemos superar os aspectos políticos educativos ineficientes e negligentes

dos vários atores que compõem a educação e priorizar o fazer diferente, ser feliz na educação e ensinar com carinho.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL, Ministério da Educação. **Conhecendo as 20 metas do plano Nacional de Educação (2014-2024)**. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) acessado em 16/06/15.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARFUS, Daniele. **Espaços educativos: um olhar pedagógico**. Curitiba. Ibpeex, 2011.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o Associativismo do terceiro setor**. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2005.

LIBLIK, Ana Maria Petratis, Rosa Artini Petratis, Laima Irene Liblik. **Contextos Educacionais: por uma educação integradora de saberes**. Curitiba Ibpeex, 2011.

MELLO, Alessandro de. **Relações entre escola e comunidade**. Curitiba Ibepex, 2011.

PAULO, FREIRE. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

SANTOS, Wandressa Puga dos, LISBOA, Wellington Teixeira. **Características psicossociais e práticas de consumo dos “nativos digitais”; implicações, permanência e tendências na comunicação organizacional**. p. 1 – 110, 2014.